

ÉPICA: LUGARES E CAMINHOS.

Prof. Dr. Airo Ceolin Montagner – UFRRJ

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é apresentar as principais realizações épicas no mundo ocidental, perfazendo um excuro histórico desde as origens até o século XVIII. Conjuntamente, apresentaremos também as principais inovações apresentadas na caracterização do gênero em função das novas necessidades culturais em que ele comparece.

Palavras chave: 1. *Épos* 2. Herói 3. História. 4. Tradição, inovação.

De muito longe, no tempo, defluiu a arte de Calíope, a mais bela das filhas de Zeus e Mnemosine. A deusa entoou seu canto nos festins do Olimpo, após os violentos combates que abalaram o universo, na guerra dos deuses. Sua voz também se eleva através do poeta para relatar os grandes e admiráveis feitos de heróis que protagonizaram os trabalhos da guerra e da luta para que o caos fosse para sempre sepultado. Podemos dizer que essa musa surge quando a luz da inteligência e da organização triunfa, com a vitória de Zeus. A filha de Mnemosine providenciou para que os grandes feitos fossem lembrados e exaltados através das gerações.

Nesta breve exposição, falarei de um percurso do gênero épico, desde as suas origens até o século XVIII. Será como uma viagem para vislumbrar os caminhos por onde ele passou através dos tempos, sem, contudo, deter-me ou aprofundar-me em nenhuma das partes. Apenas delinearei cada estação assinalada por obras de maior expressão.

A épica nasce na oralidade ancestral grega, bem antes do século VIII a.C.. Mas, nesse tempo primordial, ainda não tinha esse nome. O termo 'épica' provém do grego *épos* e significa, de modo mais amplo, 'palavra', 'discurso'. De modo restrito, os gregos assim denominavam a poesia em hexâmetro, a partir de *epé*, plural de *épos*. Na época clássica greco-latina, será o hexâmetro datílico o verso próprio desse gênero. Todavia, além do verso característico há outra marca: o caráter narrativo ou expositivo que assinala suas manifestações.

Segundo Garbarino (p. 2), na idade pré-histórica, a épica grega era recitada pelos 'rapsodos', uma espécie de contadores de histórias que se apresentavam nos festins e que também transmitiam para as gerações seguintes os próprios cantos e os de outrem. Cabe ressaltar que a oralidade da produção épica grega encontra paralelos em outras civilizações como a egípcia, a babilônica, a indiana antiga e, ainda, nas civilizações ocidentais do período medieval, a exemplo das narrativas anglo-saxãs, germânicas e escandinavas.

O *épos* nasce, pois, do desejo de perpetuar a memória de um patrimônio de narrativas legendárias nas quais os protagonistas eram personagens de elevada estirpe, dotados de virtudes excepcionais e capazes de realizar feitos extraordinários. Seria, portanto, evocando o passado, uma forma de afirmar e celebrar os valores em que uma coletividade, um grupo social, um povo se reconhecem.

Homero e o registro da tradição oral

Não devemos acreditar que as obras homéricas, a *Ilíada* e a *Odisseia*, tenham recolhido toda a tradição oral da produção rapsódica grega. Todavia, admite-se que Homero, cuja figura histórica nos escapa irremediavelmente, tenha recolhido e reelaborado materiais precedentes da tradição épica oral. Suas obras, de extraordinária dimensão, embora não isentas de contradições, estruturam-se cada uma de modo unitário e em conformidade com técnicas narrativas e estilísticas próprias. Segundo Junito Brandão (Mitologia Grega, vol I), podem-se observar na épica homérica manifestações claras da épica oral através de um sistema de fórmulas, ou seja, de expressões estereotipadas recorrentes que tinham por função facilitar a memorização e a transmissão oral. Essas fórmulas acabam por gerar uma característica deste gênero literário.

Até o momento, não se chegou a um acordo sobre a época em que os poemas homéricos foram escritos, ou seja, sobre a passagem da tradição oral para a escrita. Alguns os situam no século VIII a.C., outros pensam que possam ter sido registrados por volta do século VI a.C. Deixando de lado a questão homérica, reconhece-se o trabalho dos filólogos helenistas do século III a. C., que dividiram cada uma das duas obras em 24 livros ou cantos. A edição por eles realizada é a que chegou até nós e a *Ilíada* e a *Odisseia* são consideradas por nós as obras inaugurais da literatura grega; também serviram como base para instrução escolar antiga. São ainda consideradas não só o fundamento do gênero épico como também o ponto de partida de todos os demais gêneros.

A *Ilíada* e a *Odisseia* são textos pertencentes ao ‘ciclo troiano’, ou seja, inseridos num complexo de mitos e lendas relacionados com a guerra de dez anos vencida pelos aqueus (gregos) contra a potente Troia (também denominada Ílio). A *Ilíada* narra alguns episódios do último ano da guerra. É o mito da ira de Aquiles. O maior guerreiro do mundo volta sua ira contra Agamêmnon, o chefe supremo da coligação aqueia, por causa de uma disputa, e retira-se da guerra. Em razão de sua ira, os aqueus correm o risco de sofrer uma estrondosa derrota. Todavia, quando Pátroclo, amigo predileto de Aquiles, é morto em combate, a ira do Pélidavolta-se contra os troianos, principalmente contra Heitor, o matador de Pátroclo. Retoma as armas e vingou amigo morto. O poema termina com a morte e o funeral de Heitor, o domador de cavalos.

A *Odisseia*, por sua vez, desenvolve o mito do *nósthos*. É uma narrativa de viagens e de aventuras. É a viagem de retorno de Ulisses, após o término da guerra troiana. A *Odisseia* narra a ida de Telêmaco, filho de Ulisses, a Pilos e Esparta, em busca de notícias do pai, visto que já eram decorridos dez anos desde o término do conflito e ele ainda não havia retornado ao seu reino de Ítaca. Narra a chegada de Ulisses ao país dos feácios, após um naufrágio. Durante um banquete oferecido por Alcínoo, rei dos feácios, Ulisses relata ao rei e à rainha sua viagem desde a partida de Troia. São narrados o encontro com o gigante Polifemo, a estada de um ano no palácio de Circe, a catábase ao Hades, a passagem pelas sereias, os perigos ante os monstros Sila e Caribde, a longa permanência na ilha da ninfa Calipso. Com a ajuda dos feácios, Ulisses retorna a Ítaca, sozinho, e reconquista seu reino e a fiel Penélope, após matar os próceres e os pretendentes à mão da esposa e ao reino.

O poema épico-heroico e o poema épico-histórico.

As duas obras homéricas pertencem ao filão heroico da épica, consideradas obras fundadoras do gênero. Aristóteles, no entanto, em sua *Poética*, apresenta notáveis pontos de contato entre a épica e a tragédia. Segundo o filósofo, ambos compartilham da matéria mítico-histórica, em particular a “imitação de ações elevadas” realizadas pelos personagens, todos partícipes de alta condição social, como os reis, generais, heróis. Ao mesmo tempo todos são dotados de qualidades físicas e morais excepcionais. Sua elevação e sublimidade garantem a nobreza dos argumentos. Entretanto, os dois gêneros são muito diferentes entre si, dado o caráter narrativo da épica em relação ao caráter ‘dramático’ da tragédia. Se as ações épicas são narradas, a ação trágica vem representada ante os espectadores. Também a duração das ações as diferencia: se a ação épica é passada e não possui limites no tempo, a ação dramática se restringe a um só dia, mais ou menos, sendo que os feitos se desenvolvem como se fossem no momento de sua representação, o presente. O tempo da epopeia é o passado, por vezes distante, destacado do presente. O passado é transfigurado pelo mito, pois é no tempo dos heróis que são projetados os ideais e os valores. Pode-se dizer que o *épos* assume uma conotação simbólica e ideológica, por vezes também uma função celebrativa e patriótica, como ocorre em Virgílio.

Tanto na Grécia como em Roma, o poema épico-histórico era fundamentalmente celebrativo e encomiástico. Trata-se de uma variante do poema heroico. Se este relata os feitos de um passado distante, aquele narra os feitos da história recente, muitas vezes contemporânea do autor, mesmo assim entrelaçada com o mito.

De Homero em diante, o poema heroico caracteriza-se pela narração ampla e detalhada dos feitos dos heróis, pela inserção de inúmeros discursos proferidos pelos personagens, pela presença de comparações e símiles, pelas descrições detalhadas de pessoas, lugares, objetos, como ocorre na *Ilíada* com a descrição do escudo de Aquiles e na *Eneida* com o escudo de Eneias.

Algumas situações, motivos e temas recorrentes estão presentes no poema heroico. É o caso das descrições em forma de catálogos (catálogo das naus, no livro II da *Ilíada*), os concelhos dos deuses, as intervenções divinas nas ações humanas – aparecendo-lhes de forma disfarçada - cenas de duelos e batalhas, realizações de assembleias, banquetes, sacrifícios aos deuses, jogos fúnebres, sonhos e visões de divindades ou com heróis já mortos.

Os ciclos épico-heroicos: os alexandrinistas.

Pierre Grimal, após comentar os ciclos teogônicos, traça um perfil dos grandes ciclos heroicos. Ressalta que esses ciclos se apresentam em forma de relatos de aventuras cujos episódios são cuidadosamente reunidos e testemunham uma elaboração literária, embora poemas e rapsódias épicas tomadas como temas não tenham chegado até nós. Exceção disso são os poemas homéricos, cuja elaboração se assume em época tardia. Não restaram outros textos como os *Cantos cipriotas* ou a *Pequena Ilíada* de Leschès, nem os relatos de múltiplos retornos, dos quais o mais famoso é o de Odisseu.

Grimal sugere seis ciclos heroicos, inspirado no maior número de obras literárias, portanto os mais notáveis. São eles: a Expedição dos Argonautas, o Ciclo Tebano, o Ciclo dos Atridas, também chamado de Ciclo Troiano, o Ciclo de Teseu, o Ciclo de Hércules e as Aventuras de Ulisses. Devemos

incluir no Ciclo Troiano, além da *Iliada* e a *Odisseia*, a *Eneida* de Vergílio, já que esta também narra a viagem do prófugo herói troiano Eneias em busca de uma nova pátria. Já as narrativas relativas a Hércules, as *Heracleidas*, foram perdidas. Tem-se notícia de que existiram inúmeras narrativas do Ciclo de Tebas, as *Tebaidas*, com as histórias em torno de Édipo, dos seus antepassados e dos seus descendentes. Platão apreciava sobremaneira a de Antímaco de Colofão (V-IV a.C.), perdida. A única dessas obras que permaneceu foi a *Tebaida*, do poeta latino Estácio (225 -166 a.C.).

Os *Argonautas*, escrito pelo alexandrino Apolônio Ródio, no III século a.C., é, no entender de Garbarino (p. 4), o único relato épico da época antiga conservado por inteiro. Apolônio, juntamente com Calímaco, está entre os maiores representantes de Alexandria, no período em que os reis egípcios exerceram o mecenato. É chamado de Ródio porque viveu na ilha de Rodes, apesar de ter nascido em Alexandria. Sua obra é uma narrativa de aventuras de duas viagens, de ida e de retorno, em que participam heróis de uma geração precedente à da guerra de Troia. Conduzidos por Jasão, os heróis embarcam na primeira nau construída pelos homens, a nau Argo, e rumam para a Cólquida, no Mar Negro, em busca do velo de ouro, isto é, da pele com lãs de ouro do mítico carneiro que transportou o herói grego Frisso até a Cólquida. O empreendimento foi bem sucedido graças à ajuda da filha do rei da Cólquida, Medeia, que se apaixonou por Jasão.

Se compararmos os *épos* de Apolônio com o *épos* homérico, poderemos verificar que o helenista apresenta todos os tratamentos característicos da épica tradicional, porém infere à épica novidades bastante relevantes. Tomemos mais uma vez a exposição de Garbarino (p.5) para explicá-las. Segundo ele, em Apolônio nota-se a coligação do passado com o presente através da etiologia, ou seja, da explicação das causas ou das origens (*aitía* e *aitíon*, em grego, significam ‘causa, origem’). Em Homero, o passado é absoluto, ao passo que em Apolônio, e também em Virgílio, há uma historicização e uma atualização do mito, buscando seus traços no presente. Outro aspecto notável é a inserção de uma história de amor na aventura épica: a paixão de Media por Jasão, narrada no livro III. Esta característica será secundada por Virgílio quando relata no livro IV da *Eneida* a paixão de Dido por Eneias. Outro ponto que ressalta da comparação de dois momentos exponenciais da épica é a dimensão da narrativa. Se em Homero as obras possuem narrativas gigantescas, com 24 livros cada uma, em Apolônio, prescreve-se o gosto alexandrino pela brevidade e pela refinada elaboração formal.

Ainda entre os alexandrinistas, observaremos o nascimento de uma nova forma de *épos*: O **epílio**, pequeno poema épico em hexâmetro de assunto mitológico.

Esta forma de composição distingue-se do grande *épos* não apenas pela breve extensão, mas também porque prefere narrar episódios marginais do mito, principalmente calcados na vida quotidiana e em aspectos psicológicos e sentimentos não costumeiros na épica tradicional. O mais famoso epílio é o *Écale*, de Calímaco, do qual remanescem apenas alguns fragmentos. Ali, vem narrada a hospitalidade do herói Teseu na casa de Écale, uma humilde velha, a quem Teseu prestava uma homenagem depois da morte dela, instituindo um culto em sua honra; é esse tipo de narrativa que insere na épica o elemento etiológico, característico da arte alexandrina.

Hesíodo: a cosmogoniamitológica e a poesia didascálica.

Outra vertente importante que emana ao lado do poema heroico de Homero é a de Hesíodo. Este poeta nascido na Ásia Menor, na Beócia, talvez no século VII ou VIII a.C., escreve um poema em hexâmetros intitulado *Teogonia*, sobre a origem dos deuses. Seu canto abrange um vastíssimo espaço de tempo, relatando a origem do mundo a partir do caos primordial, sequenciando as gerações divinas e as heroicas. Entre os romanos, Ovídio explorará essa temática nas *Metamorfoses*.

Os antigos também atribuíam a Hesíodo outra pequena obra em hexâmetro: o *Catálogo das mulheres*, da qual restam apenas fragmentos. Tratava-se de um elenco de heroínas míticas em que se narra de cada uma delas um pequeno acontecimento. Este tipo de composição mítica e altamente erudita foi denominada-se de **poesia catalógica**, pelo fato de enumerar (catalogar) os heróis e heroínas. Trata-se de um *tópos* já presente em Homero, no catálogo das naus do livro II da *Iliada* e também no livro XI da *Odisseia*, onde comparece um catálogo de heroínas míticas.

Hesíodo compôs ainda outra obra importante: *Trabalhos e dias*, com cerca de 800 hexâmetros. É o primeiro poema didascálico, não com finalidade narrativa, mas expositiva e de ensinamento. Nessa obra, Hesíodo elabora preceitos relativos à agricultura e à arte da navegação, além de outros conselhos voltados para a vida prática. Todavia, o objetivo da obra é transmitir uma mensagem moral, pois afirma o valor da honestidade e da justiça, onde o trabalho comparece como uma dura realidade imposta pelos deuses aos homens, mas que também proporciona bem estar material e elevação moral.

O mesmo tipo de poema foi cultivado por Empédocles de Agrigento, no século V a.C. São seus títulos: *Physiká* ou *Periphýseos* (sobre a natureza) e *Katharmòi*, (Purificações). Nesses poemas, o autor apresenta-se como inspirado pela divindade e investido da missão de propagar para os homens uma

mensagem de verdade e de salvação, fornecendo uma explicação sobre a realidade física e humana, ilustrando seu pensamento com elementos do universo e sobre a alma.

Os poemas épico-didascálicos da época helenística quase que desapareceram por completo, restando apenas uma obra de assunto astronômico e meteorológico, cujo autor é Árato de Solos, provindo da Sílicia, na Ásia Menor. É um poema técnico erudito, foi traduzido para o latim e terá servido de inspiração inclusive para Virgílio.

Também o poeta Nicandro de Colfoão, do II a.C., escreveu poesia didascálica, dos quais restaram dois poemas *Theriakà* (os animais venenosos) e *Alexiphármaka* (Os contravenenos), além de *Eteroiúmena*, equivalentes à *Metamorfoses* e *Geórgicas*.

A épica latina

A épica esteve presente na literatura latina desde o início, já com Lívio Andronico, que fez uma versão para o latim da *Odisseia*.

Posteriormente, Nêvio e Ênio compuseram respectivamente *Bellum Poenicum* (em versos saturnos) e *Annales* (em hexâmetros datílicos). Desenvolveram a épica histórica, já cultivada anteriormente na Grécia, e celebraram as glórias dos feitos do povo romano, exaltando seus ideais. Trataram de acontecimentos recentes e contemporâneos, enobrecendo-os com a retórica do mito a entrelaçar os acontecimentos históricos.

Ênio introduz o hexâmetro datílico de origem grega, mas inserindo em sua obra os valores da sociedade romana, cultivando um *épos* nacional, dando início a uma longa tradição em Roma. Muitos autores analistas tiveram suas obras completamente perdidas como acontece com o poema *Bellum Histricum*, de Ostio, ao descrever eventos contemporâneos como a guerra da Hístria, vencida pelo cônsul Gaio Semprônio Tidutano em 129 a.C. e com o poema *Annales* de Fúrio Anciate, que relata a guerra contra os Cimbrios, levada a efeito por Quinto Lutácio Cátulo.

No primeiro século a. C., o filão histórico latino prossegue com Quinto Hortênsio Órtalo que fundamenta sua oração num poema sobre a guerra mársica em 87 a.C. Também Cicero canta os acontecimentos em torno da figura de Mário, em *Marius*, e trata de acontecimentos em que foi protagonista na obra *De consulatu suo* e em *De temporibus suis*. Fúrio Bibáculo escreve os *Annales belli Gallici*, sobre a guerra da Gália levada a efeito por Júlio César. Varrão Atacino publica *Bellum Sequanicum*, sobre a campanha de César em 58 a.C.

O interesse pela épica heroica vem com Gneu Atacino, que traduziu a *Ilíada*, na época de Sila, mas sobretudo com Varrão Atacino, que traduziu para o latim os *Argonautas* de Apolônio Ródio.

No entanto, na mesma época, os poetas conhecidos de *neòteroi* explicitaram seu repúdio ao *épos* tradicional, como se pode notar em Catulo, quando exorciza cruamente os *Annales* de um tal Volúcio. Ocorre que entre os *poetae novi* cultivava-se a doutrina de Calímaco, que propalava o gosto pelo poema breve e refinado, como o epílio, rejeitando os poemas de grande proporção. O gosto épico vinha expresso através dos epílios, conforme se atesta no *Esmirna*, de Êlvio Cina e na *Io*, de Licínio Calvo. Se as obras desses autores foram perdidas, restaram alguns exemplos como é o caso do poema 64 de Catulo, além da *Ciris* e *Culex*, para dar-nos uma noção mais exata acerca desse tipo de poema. Desenvolvendo o gosto alexandrino, abordavam o mito nos seus aspectos secundários, menos conhecidos e de escasso cunho heroico, mas explorando aspectos eróticos e patéticos.

Na época de César, paralelamente ao epílio, desenvolveu-se a poesia didascálica, cujo protótipo era o poema de Hesíodo *Trabalhos e dias*. Entre os alexandrinos, cultivou-a principalmente Árato, autor de *Fenômenos*. Cícero realiza uma versão pra o latim, intitulando-a de *Aratea*.

Outro autor que cultivou a poesia científica foi o grego Empédocles (483 a. C.), que há de inspirar a obra de Lucrecio, *De rerum natura*. O poema de Lucrecio expõe a doutrina de Epicuro com grande vitalidade poética e sensibilidade artística. O título advém da obra de Egnácio, *De rerum natura*.

Na idade de Augusto, o poeta da mais alta expressão, Virgílio, também cultiva o poema didascálico, publicando as *Geórgicas*, no qual ilustra e celebra a vida nos campos, seguindo os passos do primordial Hesíodo. Nelas, Virgílio apresenta os valores ideais da vida campestre latina, elaborando os aspectos da forma segundo os ideais alexandrinos. Certos trechos são magníficos exemplares dos epílios, como é o caso do dos episódios narrados sobre o mito de Orfeu e o de Aristeu.

Mas é no canto épico que Virgílio alcança seu maior relevo, com a *Eneida*. Deixando de lado a tradição de Ênio, de cunho histórico e analítico, volta-se genialmente para a tradição homérica da *Ilíada* e da *Odisseia*. A épica heroica virgiliana faz-se intérprete dos valores romanos e insere-se no contexto do ideal augústeo de restauração moral. Suplanta os *Annales* de Ênio e ganha o *status* de poema nacional de Roma.

Embora a figura exponencial da épica latina seja Virgílio, outros poetas foram continuadores da épica histórica como é o caso de Gaio Rabírio, autor de *Bellum Alexandrinum* (sobre a guerra de Otávio contra Marco Antônio e Cleópatra) e de Cornélio Severo, com *Res Romanae*, sobre a guerra civil.

Depois de Virgílio, a obra mais significativa do período Augústeo é o poema *Metamorfoses*, de Públio Ovídio Nasão. Não se trata de um poema da épica heroica, mas dedica-se para a épica mitológica, cuja obra inicial remonta à Teogonia, de Hesíodo. Esta obra tem como critério básico o tema das metamorfoses, e segue relatos de eventos dispostos cronologicamente, exibindo procedimentos narrativos refinados. Disso resulta um fascinante livro de mitologia, totalmente novo no quadro da literatura latina.

No primeiro século depois de Cristo, persiste o interesse pela poesia de Árato, atestando-se a obra *Astronomica*, de Manílio, em cinco livros, hoje perdida. Também o poeta Germânico escreve uma *Aratea*, conforme alguns fragmentos. Nos últimos anos de Augusto e primeiros de Tibério, a épica didascálica tem seu principal representante o autor de *Teseide*, de Albinovano Pedão, que relata as campanhas militares de Druso e de Germânico entre os germanos.

Na época de Nero surge a figura exponencial de Lucano, autor de *Bellum civile*, na qual relata a guerra civil entre Cesar e Pompeu. Lucano inova a épica, despojando-a do aparato mítico e ressaltando os aspectos dramáticos e patéticos.

Neste período, podemos destacar a presença de Columela na poesia didascálica com *De re rustica*, em hexâmetro, e do livro X, *De cultu hortorum*, numa espécie de imitação das *Geórgicas* virgilianas.

Na época dos Flávios, Sílio Itálico escreveu *Punica*, sobre a segunda guerra contra Cartago, voltando ao modelo virgiliano de invocação mítica. Se de Estácio foi perdido o poema histórico *Bellum germanicum*, dele restaram dois poemas heroicos: *Thebais* e *Achilleis*, obras que retomam o já propalado ciclo de Tebas, com relatos de Édipo e de seus filhos.

Valério Flaco retoma outro ciclo épico, o dos Argonautas, narrando a temática de Apolônio Ródio segundo o modelo virgiliano. O que se percebe é que na época dos Flávios, o épos retoma os ciclos míticos, mas desenvolvendo-os de acordo com os modelos virgilianos.

Na época imperial tardia, surge Nemesiano com *Cynegética* (A caça), de teor didascálico, também imitando o modelo virgiliano. No IV século a *Aratea* de Avieno mais uma vez parafraseia Árato. Este autor também traduziu livremente para o latim a obra grega de Dinonísio o Piriageta, intitulando-a *Descriptio orbis terrae* (Descrição da terra) e compondo um poema sobre os litorais da Europa ocidental mediterrânea, cujo título é *Mediterranea*.

No mesmo período, Claudiano retoma o argumento mítico com a *Gigantomachia*, em que retoma a guerra dos gigantes contra Júpiter e os demais deuses Olímpicos e o *De raptu Proserpinae*, tema já tratado nas *Metamorfoses* de Ovídio. Claudiano escreve ainda dois poemas com materiais históricos e mitológicos utilizando-os com finalidade encomiástica: *De bello Gildonico* e o *De bello Gothico*.

Perspectivas épicas desde Idade Média até a Idade Moderna

No período medieval, encontramos um panorama rico e variado na composição épica. Se na Idade Média a poesia didascálica assume uma forma alegórica desconhecida da época clássica, no Renascimento, todavia, muitos poemas seguem os passos da imitação virgiliana, a exemplo de Luís Alamanos, com *O cultivo* (1546) e Giovanni Rucellai com *As abelhas* (1524), reelaborando o IV livro das *Geórgicas*.

A épica heroica foi o principal tema desenvolvido na Época medieval. Numerosos poemas foram escritos não apenas em latim, mas sobretudo nas línguas romances ou germânicas. Todavia, é notável o conjunto de inovações inferidas nesse gênero literário. Garbarino (p. 12) assinala que o ideal heroico dos gregos e latinos cede lugar a novos valores e modelos comportamentais, formados no mundo bárbaro e desenvolvidos nas sociedades feudais. Com isso, o herói do tipo homérico vem substituído pelo herói do germânico, como Siegrid ou pelo cavaleiro cristão, como Rolando ou Lancelote. O mundo mítico clássico também cede lugar ao patrimônio germânico ou a um conjunto de lendas cavaleirescas repletas de aventuras e de elementos fabulosos, como as fadas, os magos, principalmente os do ciclo bretão. O elemento histórico serve de matéria prima para a épica medieval, mas sofre uma transfiguração fantástica, como se pode observar na *Canção de Rolando*.

Tantos os elementos germânicos quanto os românicos transformam essencialmente a épica medieval em relação ao *épos* clássico. Todavia, não se creia que a épica clássica tenha sido banida de vez; sua presença é garantida na escola, já que autores como Virgílio, Ovídio, Estácio e Lucano eram tomados como base dos estudos retóricos. Sua presença manifesta-se mais na técnica compositiva que no nível do conteúdo. Lendas germânicas são interpretadas em hexâmetros datílicos e mitos clássicos são reinterpretados na poesia cortês, como é o caso do *Romance de Enéias*. Virgílio está presente, seja como modelo seja como personagem, na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri.

No século XII, Gualtiero de Châtillon escreve *Alexandreis* (Alexandreida), sua obra maior, um poema épico em hexâmetros, composto em dez livros. Este poema, talvez o melhor exemplo da poesia épica mediodlatina, narra os feitos de Alexandre Magno, baseando-se na obra do latino Quinto Cúrcio, mas seguindo o modelo da *Eneida* de Virgílio. De modo semelhante, Francisco Petrarca compôs em hexâmetro *África*, seguindo o modelo de Virgílio, mas enriquecendo-o com outros poetas clássicos. Retoma o tema da Segunda Guerra Púnica. No século XIII, em língua vulgar (isto é, não em latim), ocorrem inúmeras narrativas e épicas, cavalheirescas, lendárias e históricas, mas a obra mais alcança relevo a produção literária de Giovanni Boccaccio com a *Teseida*, que introduz na épica versos de oito sílabas, talvez influenciado pelos ideais de Estácio, em *Tebaida*.

Na época Humanística, quando o culto dos clássicos se renova e impõe os autores clássicos como paradigma, surge grande número de poemas épicos., escritos em latim. Um exemplo disso é o do humanista Maffeo Vegio, que compôs um *Supplementum* ao livro XI da *Eneida*. Vigora nesse período a vertente heroica e mitológica, ao lado da encomiástica ou da religiosa, como nos exemplifica o poema de Iacopo Sannazaro, *De partu virginis*.

A épica em língua vulgar renascentista apresenta aspectos ligados ao momento presente, como os poemas encomiásticos, mas volta-se principalmente para os temas cavalheirescos da tradição medieval, retomando os ciclos bretão e carolíngio. O autor mais importante desse período é Ludovico Ariosto, com a obra *Orlando furioso*, na qual imbuí temas caros à épica latina, como é o episódio de Cloridano e Medoro, que segue o modelo de Niso e Eurialo da *Eneida*, ou ainda o episódio da libertação de Angélica, realizada de modo similar à libertação de Andrômeda por Perseu, episódio narrado nas *Metamorfoses* de Ovídio.

No Cinquecento italiano, entram em voga os estudos da *Poética* de Aristóteles. O poema heroico ganha novo vigor, haja vista a presença de Torquato Tasso, autor da *Jerusalém libertada*, retomando o modelo virgiliano, através da retomada de muitos episódios, situações, metáforas, descrições. Todavia os elementos épicos são reelaborados e contaminados com a presença de fontes diversas, como Homero, Virgílio, Dante, Ariosto, Petrarca. Tasso também reelabora em sua épica o modelo cortês-amoroso-cavalheiresco inserindo numa linha unitária contínua a multiplicidade dos relatos cavalheirescos. O poema heroico tassiano, cujo ponto de referência é Virgílio, traz de volta a elevação, o nobre, o sublime em oposição à intromissão na épica do burlesco, do grotesco e do encomiástico. O maravilhoso, um ingrediente tipicamente épico, renova-se em Tasso adquirindo um novo sentido religioso, no qual o divino cristão se baseia nos modelos virgiliano, mas sem nenhuma intromissão mitológica.

Em Portugal, Luiz Vaz de Camões publica *Os Lusíadas* (1556-1572), julgado por Benedetto Croce como o maior poema épico moderno e também o mais próximo da *Eneida*. É um poema longo, com 1102 estrofes, que são oitavas decassílabas. Trata do mito do mar desconhecido inserido numa ação central, a viagem empreendida pelo herói Vasco da Gama e a descoberta do caminho marítimo para a Índia, em torno da qual são descritos inúmeros episódios da história de Portugal, exaltando feitos do povo lusitano. Nesta obra, os elementos mitológicos pagãos persistem, mas ganham motivação alegórica e retórica. Nota-se a presença de elementos da poesia de Ariosto e de Petrarca. Trata-se de uma obra épica em que o herói português, envolto pela atmosfera mítica, imprime um sentido decisivo na formação da expansão colonizadora portuguesa.

No século seguinte, John Milton (1608-1674), na Inglaterra, reutiliza de modo original os materiais épicos de Homero, Virgílio, Tasso, entre outros, na escritura do *Paraíso perdido*. Trata-se de uma narrativa em que não entra em foco a guerra, como na *Eneida* ou na própria *Jerusalém libertada*, mas uma luta do bem contra o mal, fundindo os motivos clássicos e os ideais bíblico-cristãos. Na mesma linha de pensamento está *O Messias* (1748-1773), de F. G. Klopstock, que transpõe em forma épica o relato bíblico da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Nos séculos XVII e XVIII, muitas outras obras épicas ganharam luz, mas com sucesso passageiro, como é o caso da *Henriade* de Voltaire (1728), dedicado ao rei da França Henrique IV.

No Brasil, o primeiro poema épico é de autoria de José de Anchieta, *De gestis Mendi de Saa*, escrita em latim e publicada em 1563 em Coimbra, ainda antes da publicação de *Os Lusíadas*. É considerada esta a primeira obra literária das Américas. É um poema épico que narra, entre outros assuntos, a vitória das forças portuguesas sobre as francesas no episódio histórico que ficou conhecido por França Antártica, ocorrido na atual cidade do Rio de Janeiro.

Outro autor que se aventurou nas tramas épicas foi o frei Santa Rita Durão, autor de *Caramuru* um poema épico sobre o descobrimento da Bahia, escrito em 1781. Narra a história de Diogo Álvares Correia, dito o "Caramuru", um naufrago português que viveu entre os Tupinambás. Seguindo o modelo camoniano, Santa Rita Durão insere no poema elementos da mitologia grega, sonhos e previsões. Talvez seu maior valor sejam as informações que insere sobre os povos indígenas brasileiros no início da colonização.

Outro poema épico muito difundido em solo brasileiro é *O Uruguai*, escrito por Basílio da Gama em 1769. Possui apenas seis cantos em que se distribuem 1377 versos brancos sem nenhuma estrofação. A narrativa centra-se no episódio histórico em que estiveram envolvidos os jesuítas e índios contra os europeus, espanhóis e portugueses.

A novidade deste poema épico é a presença do herói indígena Sepé Tiaraju, que lidera a luta em favor dos Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul.

Com o advento do Romantismo e do surgimento do romance, o poema épico declina irreversivelmente. Fala-se, no entanto, numa épica sob certos aspectos. Garbarino (p. 13) sugere que se trata de uma epicidade, de um certo tom épico ou de um herói épico sob determinados aspectos por exemplo no romance moderno ou contemporâneo, mas também nas artes figurativas nascidas recentemente, como é o caso da cinematografia. Está claro que, neste caso, não se trata de um gênero literário como tal, mas de uma épica como categoria universal, entendida como narração ou representação de acontecimentos grandiosos, nobres e elevados a partir de ações e personagens magnânimos e heroicos.

Bibliografia:

- ANCHIETA, José de (S.J.). *De GestisMendi de Saa* (original acompanhado da tradução vernácula pelo padre jesuíta Armando Cardoso). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1958. 256p. il.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 6 ed. Petrópolis, Vozes, III v.
- CONTE, Gian Biagio& PIANEZZOLA, Emilio. *Storia e testi della letteratura latina, com pagine critiche*. Firenze: Le Monnier, 1995.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e idade Média latina*. Tradução de Paulo Rónai e Teodoro Cabral. São Paulo: Huicitec: Edusp, 1996.
- FORNARO, Sotera. *Percorsiepicì. Agliinizi della letteratura greca*. Roma: Ed Carocci, 2003.
- GARBARINO, Giovanna. *Storia e testi della letteratura latina: Excursus soui generi letterari, percorsi per immagini*. Torin.:Paravia Bruno Mondadori Editori, 2001.
- GRIMAL, Pierre. *La mythologie grecque*. 18^{ème} édition. Paris: Presses Universitaires de France, 1953.
- HESÍODO. Os trabalhos e os dias. Tradução, introdução e comentários de Mary Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- PERUTELLI, Alessandro, PADUANO, Guido & ROSSI, Elena. *Storia e testi della letteratura latina*. Bologna: Zanichelli, 2010, III v.
- SILVA, Mário Camarinha da. *Basílio da Gama: O Uruguai*. 3 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1976.